



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística  
e Artes: Perspectivas  
Críticas e Teóricas 3

**Atena**  
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:  
Perspectivas Críticas e Teóricas 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L649	Letras, linguísticas e artes: perspectivas críticas e teóricas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguísticas e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-705-5 DOI 10.22533/at.ed.055190910  1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Neste terceiro volume, os autores apresentam suas reflexões de maneira crítica e analítica, colocando em cada trabalho uma singularidade que marca o contexto de reflexão. Colocam, ainda, à disposição das investigações no mercado editorial múltiplos conhecimentos, por isso, os vinte e oito textos que serão apresentados dialogam com as necessidades dos interlocutores deste e-book, os múltiplos leitores.

No primeiro capítulo, são apresentadas reflexões da literatura para o desenvolvimento do ser humano. No segundo capítulo, a cultura ucraniana, bem como seu contexto e trajetória são apresentados em um município do Paraná. No terceiro capítulo, há uma reflexão memorialística não homogênea configurada nas descrições de Valentine de Saint-Point. No quarto capítulo, as autoras discutem sobre plano fronteiro entre o plágio e a intertextualidade, bem como colocam em destaque as possíveis implicações para o meio acadêmico.

No quinto capítulo, é demonstrada a importância da leitura para o incentivo à participação dos alunos nas aulas de literatura. No sexto capítulo, o autor apresenta alguns encaminhamentos no trabalho com a leitura como porta que se abre para as possibilidades de um mundo possível. No sétimo capítulo, as autoras analisam, criticamente, a colocação dos pronomes oblíquos no Português Brasileiro. No oitavo capítulo, as narrativas são colocadas no campo da experiência nas propostas de ensinar e aprender teatro na escola.

No nono capítulo, são desenvolvidas reflexões sobre o posicionamento da mulher negra na noção de entre-lugar ou nos espaços de fronteiras, normalmente, resultantes de processo diaspóricos. No décimo capítulo, pesquisa-se e relata-se o legado deixado pela bailarina, coreógrafa, gestora e professora Rosa Cagliani que atuou, incisivamente, na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam as peculiaridades do idioma Francês e suas repercussões político-militares. No décimo segundo capítulo, as autoras analisam a figura das beatas na literatura ficcional do livre pensador Clodoaldo Freitas.

No décimo terceiro capítulo, as teorias de Saussure e Chomsky representam o ponto de discussão. No décimo quarto capítulo, a autora apresenta breves reflexões do uso de imagens em sistemas de avaliação. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta parte de um resultado de pesquisa do Mestrado Profissional em Artes. No décimo sexto capítulo, são suscitadas reflexões quanto ao uso da linguagem poética na visibilidade do espaço acadêmico.

No décimo sétimo capítulo é apontado uma gama de reflexões críticas sobre o processo de formação e criação do que vem sendo denominado *dança aérea* ou *vertical*. No décimo oitavo capítulo, os autores descrevem e analisam experiências pedagógicas desenvolvidas a partir de um projeto de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. No décimo nono capítulo, propõem algumas indagações sobre a dança no universo da cibercultura. No vigésimo capítulo,

a autora relata e discute a relevância de um projeto musical a partir das canções de Dorival Caymmi e Luiz Gonzaga.

O vigésimo primeiro capítulo trata-se de uma análise acerca da divulgação científica feita por dois jornais impressos. No vigésimo segundo capítulo, as autoras debatem os temas *educação* e ética como caminhos saudáveis para uma sociedade melhor. No vigésimo terceiro capítulo, o autor analisa a função do profissional tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais. No vigésimo quarto capítulo, a autora articula alguns conceitos de encenação, baseando-se em literaturas especializadas.

No vigésimo quinto capítulo, o autor analisa as proposições da música eletroacústica. No vigésimo sexto capítulo, os autores analisam o fenômeno *fake news* no contexto da campanha presidencial de 2018. No vigésimo sétimo capítulo é discutida a formação continuada de professores de educação infantil e, por fim, no vigésimo oitavo capítulo, o autor discute o termo *folclore* a partir de uma cultura diferente.

Assim sendo, que as reflexões desta obra contribuam de alguma forma com ampliação cultural e leitura dos interlocutores que pretendem tomar cada texto como fonte singular de pesquisa.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONCEPÇÃO INTERACIONISTA DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LITERATURA EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA	
Gabriela Tabareli Neuvald	
DOI 10.22533/at.ed.0551909101	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
A CULTURA UCRANIANA E SUA TRAJETÓRIA NO MUNICÍPIO DE RONCADOR – PR	
Ana Flávia Slobodjan dos Santos	
Loremi Loregian-Penkal	
DOI 10.22533/at.ed.0551909102	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
“A DANÇA MODERNA ESTÁ POR CRIAR”: VALENTINE DE SAINT-POINT E O PROJETO DA <i>METACÓREIA</i>	
Verônica Teodora Pimenta	
DOI 10.22533/at.ed.0551909103	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
A FRONTEIRA ENTRE A INTERTEXTUALIDADE E O PLÁGIO: ANÁLISE DE UM CASO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Eliane Guerreiro Nascimento	
Valeria Silveira Brisolará	
DOI 10.22533/at.ed.0551909104	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO INCENTIVO À INTERAÇÃO/ PARTICIPAÇÃO ENTRE OS ATORES DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LITERATURA	
Reris Adacioni de Campos dos Santos	
Raquel Batista Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0551909105	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
LEITURA: PASSAPORTE PARA UM MUNDO POSSÍVEL	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0551909106	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
A LÍNGUA EM USO: SINTAXE DE COLOCAÇÃO	
Manuelle Pereira da Silva	
Amanda Ferreira Ferreira	
Bárbara Furtado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.0551909107	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>85</b>
APRENDER/ENSINAR TEATRO NA ESCOLA: NARRATIVAS PARA RECRIAÇÕES DE SI COMO ARTISTA/DOCENTE	
Fernanda da Silva Araújo Mélo	
DOI 10.22533/at.ed.0551909108	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>95</b>
A MULHER NEGRA NO ENTRE LUGAR: LUÍSA MAHIN EM <i>UM DEFEITO DE COR</i> DE ANA MARIA GONÇALVES	
Jeane Virgínia Costa do Nascimento Elio Ferreira de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0551909109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>102</b>
AS CONTRIBUIÇÕES DE ROSA CAGLIANI PARA A DANÇA EM JOÃO PESSOA – PB ENTRE AS DÉCADAS DE 1980 E 2000	
Taciana Assis Bezerra Negri	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>110</b>
AS CONTRIBUIÇÕES DO IDIOMA FRANCÊS PARA A EDUCAÇÃO MILITAR NO BRASIL	
Janiara de Lima Medeiros Fabio da Silva Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>120</b>
AS REPRESENTAÇÕES DAS BEATAS NA LITERATURA DE CLODOALDO FREITAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX	
Camila de Macedo Nogueira e Martins Oliveira Elizangela Barbosa Cardoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>134</b>
AS TEORIAS DE SAUSSURE E CHOMSKY NO CRIACIONISMO: A LINGUAGEM COMO FATOR DE PERCEPÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA REALIDADE	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes Monique Siqueira de Andrade Estéfany Ingridy Cruz de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>145</b>
BREVE REFLEXÃO SOBRE O USO DE IMAGENS NOS PROCESSOS AVALIATIVOS	
Denise Pereira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
CANTOS DE TRABALHO: DAS ROÇAS PARA A SALA DE AULA. POSSIBILIDADES VOCAIS E INSTRUMENTAIS	
Cristina Maria Carvalho Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091015</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>165</b>
CONSOLIDANDO EXPECTATIVAS: ANÁLISE “FAMÍLIA MULEMBÁ” CONSOLIDATING EXPECTATIONS: ANALYSIS “FAMILY MULEMBÁ”	
Abinair Maria Callegari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091016</b>	



<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>181</b>
CORPO NA DANÇA AÉREA/VERTICAL: RESSIGNIFICAÇÕES OU REPETIÇÃO DE PADRÕES ESTÉTICOS NA DANÇA?	
Yara dos Santos Costa Passos Raíssa Caroline Brito Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091017</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>190</b>
DANÇANDO PARA APRENDER E EDUCAR: DIALOGANDO COM A ESCOLA, A COMUNIDADE E O CORPO	
Roberto Lima Sales Ana Mariza Honorato da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091018</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>200</b>
DANÇA NO UNIVERSO DIGITAL	
José da Silva Romero Kathya Maria Ayres de Godoy	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091019</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>210</b>
DORIVAL CAYMMI E LUIZ GONZAGA PARA CONJUNTO DE VIOLÕES: UM EXPERIMENTO DO ENSINO COLETIVO COM ARRANJOS AUTORAIS PARA MÚSICA BRASILEIRA	
Judith Eny Paes Leite	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091020</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>220</b>
ECLIPSE DA SUPERLUA: ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS LINGUÍSTICOS-DISCURSIVOS EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	
Denise de Souza Assis Rainhany Karolina Fialho Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091021</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>231</b>
EDUCAÇÃO E ÉTICA: RUMO À CONVIVÊNCIA SAUDÁVEL NO ESPAÇO FAMILIAR E SOCIAL	
Rosineide Rodrigues Monteiro Bruna Marjory Monteiro Mota Karine Vanessa Monteiro Mota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091022</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>242</b>
EDUCAÇÃO E PODER: O PAPEL DO INTÉRPRETE DE LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS NAS DISPUTAS SIMBÓLICAS PELA DEFINIÇÃO DE SURDEZ	
Elder Freitas Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091023</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>249</b>
ENCENAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - UM FRAGMENTO A PARTIR DE UM OLHAR FEMININO	
Júlia Sant'Anna dos Santos Veras	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05519091024</b>	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>259</b>
ESCUTA E ANÁLISE FUNCIONAL COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO INTERPRETATIVA EM MÚSICA ELETROACÚSTICA MISTA	
Ronan Gil de Morais	
DOI 10.22533/at.ed.05519091025	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>274</b>
FAKE NEWS: (DES)CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA?	
Holdamir Martins Gomes	
Carla de Queiroz Afonso	
Mithya Balbina Carlos Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.05519091026	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>287</b>
FORMAÇÃO CONTÍNUA PARA DIDÁTICA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM REDE PRIVADA NA CIDADE DE TEFÉ	
Delva Maria Motta dos Santos	
Rosineide Rodrigues Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.05519091027	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>296</b>
HARKADÁ: UMA FORMA DE EXPRESSÃO (FOLCLÓRICA?) DA DANÇA ISRAELITA	
Fernando Davidovitsch	
DOI 10.22533/at.ed.05519091028	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>308</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>309</b>

## FAKE NEWS: (DES)CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA?

### **Holdamir Martins Gomes**

UFPA – Universidade Federal do Pará

Graduado em Direito e especialização em Direitos Humanos pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades – PPGCITI da UFPA.

### **Carla de Queiroz Afonso**

UNAMA – Universidade da Amazônia

Graduada em Direito (UNAMA), com especialização em Ciências Criminais pela Universidade Anhanguera.

### **Mithya Balbina Carlos Pereira de Oliveira**

UFPA – Universidade Federal do Pará

Graduada em Direito (UFPA), com especialização em Direito Processual Civil pela UNISUL.

**RESUMO:** Este trabalho examina o fenômeno das fake news na recente eleição da campanha presidencial de 2018, no Brasil, com seu impacto na opinião pública e na (des)construção do espaço público democrático, adentrando a problemática da vulnerabilidade e periculosidade discursiva de tal fenômeno, sobretudo no discurso de ódio. É um ensaio teórico que se apresenta mais como uma contribuição provocativa para ampliar e problematizar o debate sobre a temática das fake news, sendo este o seu principal e geral objetivo. Os tipos de pesquisas adotados são o bibliográfico

e descritivo. Sendo o gerenciamento de tal fenômeno, tão presente na recente eleição presidencial de 2018, um dos grandes desafios do denominado Estado Democrático de Direito, que ao lidar com tal circunstância faz-se necessário distinguir que nem toda diferença é dialógica, democrática, inclusiva e contributiva, pois, enquanto a liberdade de expressão é dialógica, ainda que conflitiva, por seu turno, os discursos de ódio são monológicos e reforçam, preconizados pelas falsas notícias (fake news), um paradigma excludente e não democrático.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fake News. Democracia. Discurso de ódio.

## FAKE NEWS: (DES)CONSTRUCCIÓN DE LA DEMOCRACIA?

**RESUMEN:** Este trabajo examina el fenómeno de las fake news en la reciente elección de la campaña presidencial de 2018 no Brasil. Con su impacto en la opinión pública y en la (des) construcción del espacio público democrático, adentrando la problemática de la vulnerabilidad y peligrosidad discursiva de tal fenómeno, sobre todo el discurso de odio. Es un ensayo teórico que se presenta más como una contribución provocativa para ampliar y problematizar el debate sobre la temática de las fake news, siendo éste su principal y general objetivo. Los

tipos de investigaciones adoptadas son el bibliográfico y descriptivo. Siendo la gestión de tal fenómeno, tan presente en la reciente elección presidencial de 2018, uno de los grandes desafíos del denominado Estado Democrático de Derecho, que al tratar con tal circunstancia se hace necesario distinguir que no toda diferencia es dialógica, democrática, inclusiva y contributiva, porque la libertad de expresión es dialógica, aunque conflictiva, a su vez, los discursos de odio son monológicos, y refuerzan, preconizados por las fake news, un paradigma excluyente y no democrático.

**PALABRAS CLAVE:** Fake News. Democracia. Discurso del odio.

## ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Seria difícilimo, contemporaneamente, falar sobre eleições e democracia escapando à necessária referência ao fenômeno das falsas notícias (*fake news*), com todas as suas significações, facetas e ambiguidades. Em outras palavras, no campo da interpretação histórica, não se pode falar em política contemporânea sem adentrar ao contexto do fenômeno das *fake news*.

Este trabalho, apresentando quando das comunicações orais no II Seminário Discurso e Relações de Poder – Vozes (des)silenciadas, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, pretende ser uma espécie de “pré-iniciação” sobre o tema em foco, que traz em si certa complexidade diante de um fenômeno relativamente novo (enquanto termo/conceito); diante de um debate inacabado e inconcluso; diante da necessidade de análises e reflexões mais aprofundadas, que ainda estão por fazer; diante das demandas que emergem da sociedade atual, dita pós-moderna, que possuem uma natureza plural, difusa, complexa, multifacetada, que só pode ser atendida e entendida sob a perspectiva da multi, da inter e da transdisciplinaridade; diante de uma temática aberta, que possibilita múltiplos olhares, caminhos ou travessias os mais diversos.

Logo, ensaiar uma resposta (se é que existe) ou comunicação, por mais superficial que seja, seria necessário transitar no horizonte de variados referenciais teóricos: seja das práticas comunicativas, democracia, cidadania, ideologia, discurso, política, relações de poder, jurisdição, etc., todas elas, referências teóricas que dialogam produtivamente com o objeto em comento, todavia, tal trabalho não ousaria tal pretensão.

Essa comunicação, longe de ter um olhar conclusivo, quer se apresentar mais como uma contribuição prévia para ampliação e abertura de espaços de debate no meio acadêmico, desejoso que se possa suscitar novos olhares curiosos, novos estudos, análises, reflexões e possíveis descobertas. Essa perspectiva de análise do objeto em comento, verdadeiramente, apenas detém um caráter provocativo. Sendo este último aspecto – da provocação, o resultado concreto do presente trabalho.

## 1 | FAKE NEWS – BOATOS PÓS-MODERNOS

Todos nós fomos participantes, ativos ou passivos, do processo eleitoral de 2018 no Brasil, seja apenas recebendo, compartilhando, comentando, dando um *like*, replicando ou até mesmo criando ou recriando *fake news*, as propaladas falsas notícias. Sendo desnecessário trazer exemplificações de tais notícias, pois certamente cada um teriam ótimos e ilustrativos, por vezes cômicos, exemplos.

O fato é que o fenômeno não é algo novo. Basta lembrar que nas guerras antigas era muito comum inventar boatos sobre a aproximação do inimigo para provocar pânico, ou anunciar antecipadamente a derrota de um ou outro lado para provocar reações que fossem favoráveis aos autores da notícia. Era a tática de “plantar” mentiras, “plantar” falsos fatos, com objetivos e interesses os mais diversos.

Países e movimentos políticos em guerra, já usaram e abusaram, continuando a usar e abusar da contrapropaganda: no ontem, a máquina nazista fazia propaganda para criar antipatia aos judeus; no hoje, nas últimas eleições presidenciais brasileiras, os “bolsonaristas” inflavam o antipetismo, o “petismo” hostilizava o “bolsonarismo”, e assim foi e é o caminhar dessa história.

Mesmo com etimologias diferentes, os dois termos: boato e *fake news*, designam uma conduta comum: o compartilhamento de informação falsa, a manipulação maldosa de fatos, de dados e de informações.

O diferencial é que estamos numa era turbinada, em que tudo é instantâneo, veloz e os efeitos exponencialmente explosivos. Todos os fatos recebem distintas versões, as falsidades são compartilhadas instantaneamente e se tornam virais. O novo é o *Facebook*, o *Twitter*, o *WhatsApp*, o *Instagram*, não a tentativa de contar mentiras, falsificar informações, distorcer dados, o que sempre existiu na história do mundo.

E tais atos de compartilhar, comentar, replicar, etc., torna por disseminar e popularizar a (des)informação, a *fake news*. E por conta dos algoritmos das redes sociais, essas notícias ficam mais suscetíveis a aparecerem no *feed* de notícias de outros usuários. Ou seja, os usuários de informação na rede também são participantes na divulgação de tais notícias, levando conseqüentemente a desinformação a outras pessoas.

O problema é que, seja no plano privado, entre pessoas físicas ou jurídicas, seja no plano público, não apenas no campo da política, essas falsas notícias, essas manipulações nada ingênuas, podem provocar estragos que se tornam irreversíveis.

Lembre-mos, de forma emblemática, do “caso da Escola Base”, fato ocorrido no ano de 1994, no qual o cenário era um colégio de classe média alta, localizado em bairro nobre da cidade de São Paulo, tendo os donos da escola acusados injustamente, junto com outras pessoas, de abusarem sexualmente de alunos da escola, todos menores de idade. Como conseqüência, a escola foi fechada e depredada, os denunciados chegaram a ser detidos, xingados e ameaçados de

morte. Posteriormente, com suas vidas destruídas, falidos financeiramente, alguns com transtornos psiquiátricos, foi constatada a inocência dos mesmos. Todos foram absorvidos, todavia tal decisão judicial que determinou o arquivamento do processo, por ausência de provas, foi tardia, os danos e perdas já tinham acontecidos.<sup>1</sup>

Na perspectiva de análise política, o estrago provocado pela disseminação de falsas verdades em campanhas eleitorais tem sido motivo de análise por cientistas políticos em vários países do mundo, bastaria lembrar da eleição de Donald Trump nos EUA. Segundo o jornal *Washington Post*, conforme divulgado pela mídia, Trump falou muitas mentiras durante a campanha eleitoral e, nos primeiros meses de seu mandato, chegou a falar 1.950 mentiras, numa média de cinco por dia. Nossos políticos também não ficam atrás. Isso pode parecer assustador, mas talvez nem tanto, se atentarmos para uma advertência que já nos fazia Hannah Arendt no século passado:

Jamais alguém pôs em dúvida que verdade e política não se dão muito bem uma com a outra, e até hoje ninguém, que eu saiba, incluiu entre as virtudes políticas a sinceridade. Sempre se consideraram as mentiras como ferramentas necessárias e justificáveis ao ofício não só do político ou do demagogo, como também do estadista. (ARENDR, 2001, p.283).

Dessa forma, frente a essa premissa arendtiana, seria a política então uma fábrica de mentiras? Os políticos seriam verdadeiros operários da ilusão e da falsidade? Estaria a política a serviço da arte do embuste, da maquinação utópica? Certamente quando Hannah Arendt refere-se a ferramenta da mentira no campo político, está se referindo às velhas práticas políticas, as conhecidas “artimanhas, os conchavos, as promessas de cargos e tantas coisas mais fazem parte desse arranjo... no qual não há lugar para amadores, isto é, ingênuos, ou seja, aqueles que vão jogar sem trapacear (NASCIMENTO, 2018, p.30).

O fato é que o fenômeno das *fake news*, inclusive na política, não é algo novo. Todavia, se nada disso é novidade, talvez o que nos impressiona na atualidade, seja a intensidade com que as mentiras se disseminam ultimamente e com um gravame preocupante que é a propagação por meio das mídias eletrônicas do discurso de ódio, de preconceito, com as todas as variáveis de intolerância e periculosidade contida nelas.

Se a mentira faz parte da política de ontem e de hoje, certamente, como diria Zygmunt Bauman, somos convidados a nos questionar e buscar respostas para os problemas que nos afligem na atualidade. “Nenhuma sociedade que esquece a arte de questionar ou deixa que essa arte caia em desuso pode esperar encontrar respostas para os problemas que a afligem — certamente não antes que seja tarde demais e quando as respostas, ainda que corretas, já se tornaram irrelevantes” (2000, f.14).

Pensar uma nova configuração política, a busca de uma outra concepção e

1. Disponível em: <<https://www.mackenzie.br/fakenews/noticias/arquivo/n/a/i/escola-base-um-caso-que-nao-pode-ser-esquecido/>>. Acesso em 26.11.2018

forma de fazer política que não seja tão dissociada da ética é um dos desafios da dita pós-modernidade. Talvez esteja aí embutida a dimensão que nos instiga a pensar num sistema outro, “pós-democrático” que teria novas formas de mediação, entre elas os meios eletrônicos.

## 2 | UM MUNDO EM (DES)CONSTRUÇÃO

Mergulhados num mundo de tantas mudanças, de tantas inovações, num tempo real e virtual dos ambientes da cibercultura, em que a violência e o ódio são operados à distância, num mundo mais fluído e diverso, caracterizados por valores e conceitos em transformação, nós somos também desafiados pelo cenário contemporâneo para mudar, somos compelidos a buscar novas respostas para as perguntas atuais.

Não há mais volta diante de uma sociedade em rede, hiperconectada, globalizada. O mundo certamente é outro e, em algum tempo, será outro também. No livro *Mudança de Horizonte*, o autor Dietmar Kamper, pensador alemão dedicado à Antropologia Histórica, Sociologia e Filosofia, tem uma passagem que desconforta e inquieta, quando nos diz que chegamos ao “grau zero da existência”, e o “ponto zero passa a se firmar como ponto de virada”. Numa passagem, que poderia ser adaptável ao tema em análise, ele nos diz que é preciso:

primeiro, visualizar a catástrofe como um horror consumado; segundo, suportar o pavor da história de crimes; terceiro, desfazer-se das asas, pois nunca houve sentido em tornar-se anjo quando não se quer também virar diabo; quarto, confiar nas próprias costas, pois elas servem como arquivo da evolução e da história; quinto, desligar-se da tormenta do paraíso, afinal não perdemos o paraíso, mas, por bons motivos e força do futuro imediato, saímos de lá fugidos<sup>2</sup>.

Certamente é uma escrita incômoda, inquietante, nada conciliadora e que nos depara ao abrir os labirintos de um novo tempo e espaço em (des)construção, nos compelindo a reaprender algo que ainda nem mesmo se concretizou plenamente.

Outro autor, para não fugir ao foco da nossa comunicação, também nos ajuda. O filósofo polonês que criou a metáfora da Modernidade Líquida, chamado Zygmunt Bauman, falecido em 9 de janeiro de 2017, e que nos traz algo interessante e que nos favorece a reflexão. Numa entrevista dada ao programa Milênio, ele nos diz que:

As instituições de ação coletiva, nosso sistema político, nosso sistema partidário, a forma de organizar a própria vida, as relações com as outras pessoas, todas essas formas aprendidas de sobrevivência no mundo não funcionam mais direito. Mas as novas formas, que substituiriam as antigas, ainda estão engatinhando. Não temos ainda uma visão de longo prazo, e nossas ações consistem principalmente em reagir às crises mais recentes, mas as crises também estão mudando<sup>3</sup>.

Para melhor compreensão das ideias do filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que foi um dos grandes pensadores da atualidade, ele nos apresenta o conceito de modernidade líquida fazendo uma contraposição a uma chamada

2. KAMPER, Dietmar. *Mudança de horizonte*. São Paulo: Paulus, 2016. pág. 17.

3. Site do Conjur. Acesso em 26.11.2018

modernidade sólida, em cuja realidade poder-se-ia afirmar que os papéis eram estáveis, as identidades estanques e as ideologias eram determinadas.

Na modernidade sólida, segundo Bauman, estaria caracterizada pela ideia do projeto de controle do mundo pela razão. É o idealizar o melhor dos mundos possíveis através dos meios racionais, técnicos e científicos. Uma etapa caracterizada pela crença na ciência, na tecnologia, na razão e no conhecimento compartilhado como capazes de transformar o mundo. Muito embora não deixasse de ter sua relevante importância para o desenvolvimento da humanidade, fazendo suscitar novas tecnologias e o redimensionamento de muitos outros aspectos da organização da sociedade contemporânea, seja na indústria, no comércio, na comunicação, informatização, entre outros aspectos, todavia tal projeto não se sustentou de forma perene.

Para Bauman, se no ontem a sociedade dita moderna era vivida como sólida, com projetos políticos, sociais e ideologias condutoras de rumos e referências, para os homens de hoje não existe mais tal realidade. Vive-se, como ele denomina, uma espécie de modernidade líquida, fluida, desapegada de promessas ideológicas, compromissos sociais e políticos e com um consumismo exacerbado. Se a modernidade líquida foi uma tentativa de controle racional do mundo, a modernidade líquida é o mundo em descontrole.

Na modernidade líquida, tudo é volátil, leve, líquida, fluida e infinitamente mais dinâmica que a modernidade “sólida” que suplantou.

O conceito de sociedade líquida caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades “autoevidentes”. Sem dúvida a vida moderna foi desde o início “desenraizadora”, “derretia os sólidos e profanava os sagrados”, como os jovens Marx e Engels notaram. [...] A nossa é uma era, portanto, que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições<sup>4</sup>.

Aliando-se à noção baumaniana, é um tempo de grandes incertezas. Muitas possibilidades de questionamentos e a certeza de poucas respostas conclusivas. E diante da demolição dos ídolos, do decaimento dos metarrelatos, dos grandes ideais políticos ou visões de mundo, das grandes questões consideradas irrefutáveis, tais como a tradicional estrutura da relação familiar, entre outros valores e costumes, nos faz pensar que até mesmo os fatos podem ser questionados. A velha expressão “contra fatos não há argumentos”, em muitos casos parece não ter sentido, tamanha a força dos argumentos de negação de certos acontecimentos na contemporaneidade.

Corroborando essa ideia, na política brasileira, há uma antológica frase, cuja autoria não se sabe precisar quem seja, talvez Antônio Carlos de Andrade, ou José Maria Alkmin, ou Gustavo Capanema ou até mesmo Tancredo Neves, o certo é que pertence a um velho e experiente político mineiro que dizia: “em política, o que

4. PALLARES-BURKE, M. L. G. Entrevista com Zygmunt Bauman. *Revista tempo social – USP*, São Paulo, v. 16, n. 1, jun. 2004. Pág. 304-305.



*importa é a versão, não o fato*".

### 3 | PÓS-VERDADE E CULTURA *FAKE*

A condição moderna ou "pós-moderna" nos causa perplexidade e incômodo. Os fatos e dados antes tidos como incontestáveis, podem ser contestados, e poucas são as certezas num processo infundável de produção de inverdades. A cultura *fake* embarca nas condições da modernidade líquida, numa confusão entre o verdadeiro e o falso.

No quadro da tradição filosófica, sabemos que não há verdades absolutas, mas sim verdades relativas, provisórias. Embora alguns filósofos e filosofias se apresentem como portadores de verdades absolutas, mas são apenas verdades que se limitam e se encarceram no interior de cada sistema produzido.

O fato atual, segundo especialistas, é que o panorama político e social contemporâneo é marcado por uma conjuntura que eles chamam de "pós-verdade", na qual o objetivo e o racional perdem peso diante do emocional ou da vontade de sustentar crenças, apesar dos fatos demonstrarem o contrário.

Tornou-se emblemática a controvérsia do "*kit gay*", tão propalada nas recentes eleições presidenciais de 2018, a própria mídia informando que não existia, o Poder Judiciário declarando a sua não existência, mas em cima de uma suposta verdade, ou *fake news*, "gerando desinformação no período eleitoral, com prejuízo ao debate político"<sup>5</sup>, um dos candidatos usou e abusou de tal fato, buscando obter ganhos eleitorais.

Tática usada aqui nos trópicos e lá, nos ditos países do primeiro mundo. Na Europa, em tempos recentes, as *fake news* usadas quando da decisão dos britânicos de abandonar a União Europeia, ou as *fake news* usadas na controversa vitória de Donald Trump nas eleições norte-americanas.

Todo esse marco histórico, bem recente, tem um denominador comum: crenças pessoais, irrefutáveis para muitos, ganharam força frente à lógica dos fatos. São as novas formas de relacionamento com a opinião pública e a consolidação de meios de comunicação alternativos. Ou seja, as tradicionais formas de jornalismo perdem peso diante do auge dos novos canais de comunicação, como os blogs pessoais, o *Youtube*, os canais de mensagens instantâneas, como o *WhatsApp*, *Telegram* e o *Facebook Chat*, ou as redes sociais como *Facebook* e *Twitter*. Um simples *tweet* pode mobilizar massas e causar resultados impensáveis há alguns anos. O valor ou a credibilidade dos meios de comunicação tradicionais se veem reduzidos diante das opiniões pessoais.

A produção e divulgação de notícias falsas ao alcance e na palma das mãos de todos, parece ser o mundo da banalização da mentira e da relatividade da verdade.

5. Disponível: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/tse-diz-que-kit-gay-nao-existiu-e-proibe-bolsonaro-de-disseminar-noticia-falsa>. Acesso em 08.11.2018.

Não se trata de saber o que ocorreu, mas de escutar, assistir, ver, ler a versão dos fatos que mais concorda com as ideologias de cada um. Pode-se resumir esta postura com as palavras de Francis Bacon, inventor do método científico: “o homem se inclina a ter por verdade o que prefere” (BACON, 2002, p.25). Com essa conduta abre mão de refletir melhor as suas escolhas, delegando a terceiros suas opções cívicas.

As *fakes news*, as verdades alternativas e as mentiras, todos estes conceitos são abarcados no guarda-chuva semântico do que se denomina pós-verdade (*post-truth*), que pode ser qualificada como conceito. A pós-verdade foi definido pelo Dicionário Oxford como a circunstância em que os fatos objetivos são menos influentes na opinião pública que as emoções e as crenças pessoais, concedendo ao termo o prêmio de palavra do ano de 2016, conforme noticiado na imprensa britânica e americana. Esta expressão – post-truth (pós-verdade) teve um aumento de 2000% na utilização pelos meios de comunicação, devido à eleição presidencial americana e a votação do *Brexit*.<sup>6</sup>

O recente cenário político brasileiro tem experimentado da pós-verdade, em que os fatos objetivos, reais, concretos são menos influentes do que apelos emocionais e crenças pessoais quando na formação da opinião pública. Basta lembrar os cenários dos grandes protestos de 2013, passando pela eleição presidencial de 2014, do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, o governo do Michel Temer e as eleições de 2018 com a vitória do Presidente Bolsonaro, intitulado de “o mito”. Foram versões, discursos os mais contraditórios para os mesmos episódios, buscando manipular a opinião pública, distorcendo fatos, usando de artifícios por vezes não salutares democraticamente, apegados a interesses partidários, ideológicos e financeiros os mais diversos. Artimanha política da desinformação e da manipulação. Realidades que certamente corroem e maculam a própria cidadania e a república.

#### 4 | O APELO POPULISTA EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE

Diante da aparente confusão sobre o que é verdade e mentira, do que é real ou virtual, a gestão de manobras e manipulações políticas adentra nesse aspecto para incitar o receio ou a hostilidade de grupos sociais, a vitimização ou as mitomanias políticas que acabam sendo instrumentos de persuasão, dominação e estratégias subliminares das massas que reporta-se a tempos pretéritos, mas que no século XX foram causas de falhas na história da humanidade, como foi o nazismo e o estalinismo.

O populismo de hoje, e de sempre, maneja mais com as persuasões emocionais, sentimentais do que com critérios de racionalidade e de veracidade.

---

6. FLOOD, Alison. ‘Post-truth’ named word of the year by Oxford Dictionaries. The Guardian, Inglaterra, 15 nov. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2016/nov/15/post-truth-named-word-of-the-year-by-oxford-dictionaries>. Acesso em: 28.06.2017.

As escolhas do cidadão são baseadas em critérios subjetivos e emotivos, sem critério de racionalidade. As tendências populistas exigem que o poder seja obtido como um fim em si mesmo, sem importar os métodos. No dizer da filósofa Marilena Chauí: “A política não é a lógica racional da justiça e da ética, mas a lógica da força transformada em lógica do poder e da lei” (2000, p. 203).

Valendo ressaltar que a pós-verdade não é apenas uma prática que se desenvolve no campo da política, mas também no âmbito da publicidade, no campo empresarial, jornalístico e até acadêmico, lembremos das *fake news* sobre as vacinas que seriam perigosas à saúde pública, baseadas num artigo científico que posteriormente veio a ser contestado, conforme veiculado em noticiários dos meios de comunicação.

E a própria intermediação jornalística, que poderia ser um mecanismo de defesa da pós-verdade, desarmando mentiras, desmascarando inverdades, confrontando fatos ou dados, por vezes, também portam notícias que se vinculam a interesses de setores econômicos, partidários e políticos.

Estamos dentro de uma fronteira de uma reflexão crítica com os desafios dessa sociedade, do fenômeno comunicacional na palma da mão, na qual a violência pode ser operada no dedilhar dos dedos, em que se deve haver um apelo ético, em que os meios, as ferramentas instrumentais, não devem ser utilizados para submeter e manipular pessoas, para produzir a servidão, a alienação. Sendo necessário transmutar uma realidade aferida por Rousseau na sua obra do Contrato Social: “O povo inglês pensa ser livre e muito se engana, pois só é durante a eleição dos membros do Parlamento; uma vez estes eleitos, ele é escravo, não é nada. Durante os breves momentos de sua liberdade, o uso que dela faz, mostra que merece perdê-la”<sup>7</sup>. Nestes termos, deve-se sim, formar o cidadão para a informação e conscientizar para a comunicação. Igual modo o povo deve ser representando legitimamente em seus reais interesses.

O populismo de direita ou esquerda, os apelos populistas evangélicos ou de outros segmentos, inclusive acadêmicos, não deve nublar a capacidade das pessoas de refletirem livremente. O uso e abuso de tons de cinzas tão brutais como a *xenofobia* (antipatia por pessoas estranhas ao meio, de fora do país), a *misoginia* (ódio ou aversão ao gênero feminino), *nacionalismo* (o discurso que enaltece a ideologia nacional), *homofobia* (rejeição ou aversão aos homossexuais), *mixofobia* (medo de se envolver com os estrangeiros, o desconhecido, o diferente) é um sinal da crise da democracia como a conhecemos.

Em nosso tempo, os líderes atuais, tornaram-se figuras rudes, bélicas e até incivilizadas, renunciam ao uso de discursos clássicos das linguagens políticas tradicionais para gritar, atacar, agredir, apelar ao emocional, apelar ao discurso de ódio e da vingança, da divisão, do silenciamento, do banimento, abandonando a dimensão civilizada, polida, urbana e da razoabilidade que deveria caracterizar as campanhas eleitorais e a arte da boa política. Segundo Vincenzo Susca, professor

7. ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do contrato social. São Paulo. 1974. Pág. 260.

e pesquisador da Universidade de Toronto, no seu artigo intitulado “O crepúsculo da democracia. Comunicacias, poder e transpolítica”:

Nesse sentido, é claro que o uso de um tom e um conteúdo tão brutais por parte dos novos populistas – xenofobia, misoginia, nacionalismo, homofobia ... – é um sinal da crise da democracia como a conhecemos. Os líderes em questão agora renunciam ao uso de discursos clássicos das linguagens políticas tradicionais para gritar, atacar, vencer, apelar ao emocional, abandonando completamente a dimensão racional e mesmo ideológica que há muito caracteriza as campanhas eleitorais e a arte do governo. Com a opinião pública às nossas costas, eles apelam para o lado mais obscuro da emoção pública, sem conseguir retomar o contato com a vida cotidiana, porque esta já se encontra distante em relação à política... Por isso eles se exaltam e excedem os limites da razoabilidade: porque já não os ouvimos, não os seguimos, já não confiamos neles<sup>8</sup>.

E continua o mesmo articulista, que pode ser esses líderes produtos de uma aguda frustração da forma estabelecida na ordem política mundial. E “quanto mais aguda é a frustração com a ordem estabelecida, mais os eleitores, como em uma explosão furiosa, *golpeiam* o sistema, favorecendo a invasão por personalidades rudes e bélicas, com seu discurso inflamado, de Silvio Berlusconi a Donald Trump, de Marine Le Pen a Nicolas Sarkozy” (2017, p.40). Em tempos recentes figuras como Mateo Salvini na Itália e Jair Bolsonaro no Brasil, todos nos “remete, de certa forma, no plano do imaginário, a um ato terrorista contra o sistema. A violência física é assim substituída pela simbólica” (SUSCA, 2017, p.41).

De certa forma, estamos caminhando para um outro lugar, não sabemos precisar qual. Não sendo necessariamente o fim do mundo, para não ser apocalíptico, mas talvez venha a ser um fim de um mundo. Como nos diz Vincenzo Susca: “Só precisamos ter coragem de ver o que está nascendo nas ruínas da modernidade... sabendo que os populistas... não são a solução do problema: eles são o próprio problema em seu nível paroxístico” (2017, p.41).

## 5 | O DISCURSO DE ÓDIO

O discurso de ódio, segundo Brugger, “refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar ódio ou discriminação contra tais pessoas”<sup>9</sup>.

Nesse sentido, tal prática discursiva molesta, ofende e incita a violência. Embora existam divergências acerca dos limites do discurso de ódio em relação à liberdade de expressão. Sendo a liberdade de expressão uma das pedras angulares do estado democrático de direito, todavia o discurso de ódio, certamente, não é amparado pelo princípio garantidor da liberdade de expressão, já que importa a realização de ato

8. SUSCA, Vincenzo. Artigo: *O crepúsculo da democracia. Comunicacias, poder e transpolítica*. Disponível: <<http://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/57>> Acesso em 24.11.2018.

9. BRUGGER, Winfried. *Proibição ou proteção do discurso de ódio?* Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. *Revista de Direito Público*, v. 15, n.117, jan./mar.2007.

ofensivo a outrem em sua dignidade, de forma que a lei tipifica as características deste discurso como crime no Brasil, descrito no art. 20 da Lei n. 7.716/89, que pune os crimes de preconceito, entre outros delitos.

Sendo cabível informar que a Constituição Federal é expressa ao dizer no seu art. 5º, inciso X, que “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”.

Logo, havendo dano à pessoa, pela publicação indevida, seja relativo a sua intimidade, vida privada ou imagem, veiculada por qualquer mídia, seja a publicação de uma calúnia ou difamação, ou mesmo um discurso, inclusive de ódio, que venha a ofender determinada pessoa, a mesma poderá buscar uma indenização do ofensor como forma de reparar o dano sofrido. É uma garantia assegurada no ordenamento jurídico pátrio.

Importa dizer também, que apresentar convicções com base no discurso de ódio, além de não salutar pode ser extremamente prejudicial à democracia. É o roteiro programático previsível que aponta para o acirramento da intolerância e para o estímulo ao totalitarismo.

Como nos diz FISS, comumente atrelado a situações de conflitos, “o discurso de incitação do ódio tende a diminuir a autoestima das vítimas, impedindo assim a sua integral participação em várias atividades da sociedade civil, incluindo o debate público”<sup>10</sup>.

Portanto, o discurso de ódio reforça um paradigma excludente, é uma mácula a participação popular e ao próprio espírito democrático, que leva ao silenciamento de grupos e aspirações legítimas que são simplesmente apagadas, silenciadas, banidas e às vezes até simbolicamente assassinadas, o que pode nos custar caro. Certamente a democracia, nem de longe, é perfeita, mas é o que temos de melhor construção para a vida social na contemporaneidade.

Sendo pertinente destacar que nem toda diferença é dialógica, democrática, inclusiva e contributiva. Ao contrário, pode ser perigosa e destrutiva para a própria democracia. Pois, enquanto a liberdade de expressão é dialógica e plural, ainda que conflitiva, por seu turno, os discursos de ódio são monológicos, em que preconiza a radical aversão ao “outro”, resultado de uma injustificável “mixofobia” (BAUMAN, 2013, p.05). Cabível asseverar, também, que “o efeito silenciador do discurso” (FISS, 2005, p.33) produzido pelos discursos de ódio e intolerância, preconizados pelas *fake news*, reforçam um paradigma excludente e não democrático.

## 6 | BREVES CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

A primeira consideração sobre o fenômeno das *fakes news* é que semelhantes

10. FISS, Owen M. *A ironia da liberdade de expressão: estado, regulação e diversidade na esfera pública*. Rio de Janeiro: Renovar, 2005. Pág.47.

aos boatos, não é algo novo, bastando lembrar a existência da antigüíssima tática empregada para “plantar” mentiras nas guerras antigas, com objetivos os mais diversos.

Embora com etimologias diferenciadas, boato e *fake news*, buscam o mesmo intento: compartilhar informações falsas, manipular intencionalmente dados e informações. A novidade é a existência dos novos meios de comunicação: Facebook, Twitter, WhatsApp, Instagram.

Incursionando-se no âmbito da cultura política, mostrou-se que o uso da mentira encontra-se muito próximo da política, com o agravante atual que é a propagação do discurso de ódio e de intolerância.

No corpo do trabalho discorreu-se, também, sobre as mudanças ocorridas em uma sociedade hiperconectada e globalizada. E uma das consequências desta sociedade pós-moderna é a revelação do fenômeno da cultura *fake*, protagonizando uma confusão entre o verdadeiro e o falso diante do que se convencionou chamar “pós-verdade”, na qual o objetivo e o racional perdem peso diante do emocional e da vontade de sustentar crenças, apesar dos fatos demonstrarem o contrário. É o entendimento que na política o que importa são as versões, não os fatos.

Ao abordar a temática do discurso de ódio, afirmou-se que o mesmo reforça um paradigma excludente ao instigar a animosidade e discriminação contra outras pessoas, fato presente nas últimas eleições, tendo se perpetrado uma prática ofensiva e incitadora da violência, num roteiro programático previsível para o surgimento e estímulo de ideais totalitários. Contudo, embora não seja uníssono o entendimento diante do confronto entre liberdade de expressão e discurso de ódio, tem-se a existência de legislação nacional que pode contemplar certos tipos de discurso de ódios como práticas criminosas.

Certamente as reflexões aqui trazidas suscitam um debate inconcluso. Como disse nos aspectos introdutórios, a temática sobre *fake news* é complexa, difusa, multifacetada. O tema compõe como um caleidoscópio que perpassa vários ângulos e perspectivas, tais como a comunicação, a política, os indivíduos, o capitalismo, a legislação, as relações sociais, discursos ideológicos e outros.

Tudo o que foi dito buscou assentar-se numa espécie de “pré-iniciação”, numa aspiração de teor provocativo, até porque há muitas outras facetas e visões que não consta neste trabalho. A temática das *fake news* carece de mais pesquisas, particularizadas em peculiaridades plurais, diante das lacunas do fenômeno. Logo, fica o convite e o estímulo que a comunidade acadêmica possa refletir sobre essa questão, não cabendo ser neutra pelo temor de enfrentar o desconhecido. Que se abra espaço para o debate acadêmico.

Logo, sem a pretensão de exaurir um tema suscitador de tantas análises e aprofundamentos no âmbito teórico, este artigo culmina apenas na problematização. O assunto é uma questão aberta que comporta várias indagações e possíveis respostas. E segundo Albert Einstein: “Em momentos de crise, só a imaginação é

mais importante que o conhecimento... É na crise que nascem as invenções, os descobrimentos e as grandes estratégias. Quem supera a crise, supera a si mesmo.”

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: perspectiva, 2001.

BACON, Francis. **Novum Organum**. Digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis - Filosofia. São Paulo: eBookLibris, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e Juventude**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1988

\_\_\_\_\_. Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. **Diário Oficial União**, 6 jan. 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm)>. Acesso em: 3 mar. 2015.

BRUGGER, Winfried. **Proibição ou proteção do discurso do ódio?** Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. *Direito Público*, Porto Alegre, ano 4, n.15, p.117-136, jan./mar. 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Comunicação e democracia**. FAPCOM, Paulus, 2018.

CHAUÍ, Marielena. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

FISS, Owen M. **A ironia da liberdade de expressão**: estado, regulação e diversidade na esfera pública. Rio de Janeiro: Renovar, 2005.

FLOOD, Alison. ‘Post-truth’ named word of the year by Oxford Dictionaries. *The Guardian*, Londres, 15 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2016/nov/15/post-truth-named-word-of-the-year-byoxford-dictionaries>>. Acesso em: 28.06.2017.

KAMPER, Dietmar. **Mudança de Horizonte**. São Paulo: Paulus, 2016.

NASCIMENTO, Milton Meira. **Fake news, política e opinião pública**. 2018. Disponível em: <<http://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/65>>. Acesso em: 08.11.2018.

PALLARES-BURKE, M. L. G. Entrevista com Zygmunt Bauman. **Revista tempo social**. Volume 16, número 1. São Paulo: USP, jun. 2004.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. São Paulo. 1974.

SUSCA, Vincenzo. Artigo: **O crepúsculo da democracia**. *Comunicacrias, poder e transpolítica*. 2018. Disponível: <<http://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/57>>. Acesso em: 24.11.2018

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Analítica 267, 272

Avaliação 9, 57, 58, 89, 93, 145, 147, 150, 151, 152, 153, 155, 289, 294

### B

Beatas 120, 121, 126, 127, 130, 133

### C

Chomsky 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144

Cibercultura 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 278

Criação 14, 16, 49, 89, 91, 93, 103, 106, 113, 117, 118, 134, 135, 140, 141, 144, 150, 159, 164, 179, 181, 182, 184, 192, 194, 195, 197, 198, 201, 203, 208, 223, 250, 251, 252, 256, 262, 263, 265, 267, 268, 269, 296, 300

Crítica 3, 24, 27, 28, 31, 78, 83, 120, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 132, 178, 179, 187, 212, 214, 250, 251, 266, 282, 297

Cultura 2, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 53, 89, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 104, 105, 107, 113, 116, 117, 118, 130, 146, 149, 157, 158, 159, 164, 165, 176, 178, 179, 180, 181, 183, 190, 191, 192, 197, 199, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 215, 216, 218, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 256, 257, 280, 285, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307

### D

Dança 14, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 136, 163, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 257, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304

Divulgação científica 220, 221, 222, 226

Dorival Caymmi 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

### E

Educação 2, 9, 14, 16, 21, 35, 42, 45, 49, 54, 57, 64, 70, 71, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 110, 111, 113, 115, 116, 118, 119, 122, 123, 124, 128, 133, 134, 148, 149, 155, 157, 158, 159, 160, 164, 181, 183, 190, 192, 194, 199, 201, 208, 210, 212, 218, 219, 231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 259, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 308

Educação infantil 88, 116, 118, 208, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 294, 295

Eletroacústica 259, 260, 261, 262, 263, 264, 267, 268, 270, 272, 273

Encenação 90, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258

Ética 37, 39, 42, 44, 132, 185, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 278, 282

## F

Fake News 274, 275, 276, 277, 280, 282, 284, 285, 286

Folclore 125, 176, 296, 303, 304, 305, 306, 307

Formação 2, 3, 4, 8, 9, 14, 15, 19, 26, 29, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 104, 106, 110, 115, 117, 118, 119, 121, 124, 127, 133, 135, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 157, 160, 181, 183, 185, 186, 188, 196, 198, 202, 208, 210, 211, 213, 216, 218, 227, 231, 232, 233, 240, 247, 270, 281, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 297, 299, 302

Francês 104, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 144, 175, 297, 298

Fronteiras 95, 96, 176, 185, 204, 206, 249, 255, 306, 307

## H

Homogênea 96, 183

## I

Intertextualidade 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 128, 131

## L

Leitura 2, 3, 4, 6, 8, 9, 36, 37, 38, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 83, 131, 148, 151, 153, 155, 156, 188, 211, 233, 298

Literatura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 27, 31, 33, 35, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 74, 75, 79, 84, 87, 93, 113, 120, 121, 123, 126, 127, 131, 133, 146, 160, 182, 184, 203, 231, 307

Luiz Gonzaga 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218

## M

Mulher negra 95, 96, 97, 99, 100, 101

## P

Plágio 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45

Possibilidades 26, 33, 71, 76, 92, 150, 151, 153, 154, 157, 164, 185, 186, 188, 197, 198, 205, 257, 260, 265, 268, 269, 270, 271, 272, 279, 288, 294

Professores 5, 7, 9, 47, 56, 57, 64, 66, 71, 72, 113, 114, 116, 117, 118, 122, 124, 154, 164, 193, 197, 202, 212, 213, 215, 216, 232, 234, 239, 241, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 299, 302

Pronomes oblíquos 74, 75, 76, 79, 80, 83

## R

Reflexão 35, 36, 62, 64, 68, 74, 129, 135, 145, 149, 158, 171, 178, 185, 187, 201, 202, 203, 205, 207, 214, 235, 237, 243, 245, 251, 252, 253, 278, 282, 287, 288, 289, 292, 293, 294, 308

## S

Saussure 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Sociedade 3, 7, 26, 28, 29, 31, 55, 57, 59, 62, 67, 71, 99, 100, 111, 114, 116, 118, 120, 122, 126, 127, 130, 132, 138, 143, 158, 159, 188, 191, 192, 198, 202, 208, 209, 215, 230, 231, 232, 234, 235, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 247, 248, 263, 275, 277, 278, 279, 282, 284, 285, 298, 300, 303

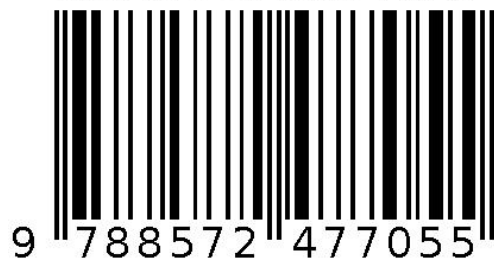
## T

Teatro 15, 24, 25, 58, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 147, 184, 234, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258

Tradutor 43, 242, 245, 246, 247

Trajectoria 10, 11, 72, 85, 86, 87, 90, 94, 102, 103, 107

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-705-5



9 788572 477055